

Cláudio Moreira Bento (*)

**A Revolução de 1842
no Vale do Paraíba
- Sesquicentenário -
(A Revolta de Silveiras) (**)**

(*) Cel. R/1 Cláudio Moreira Bento - Historiador militar, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de São Paulo e de Minas Gerais, do de Geografia e História Militar do Brasil, do Instituto de Estudos Vale-paraibanos, Presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e da Academia Resendense de História, membro correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

(**) Estudo produzido para o 11º Simpósio de História do Vale do Paraíba e voltado para as comemorações do sesquicentenário da Revolução Liberal de 1842, publicado em forma de folheto pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos (Paraíba do Sul, 23, 24 e 25 de julho de 1992).

ABSTRACT

He describes in details the fights which took place in the towns of Lorena, Silveiras, Areias and others in the Paraíba Valley and specially the bloodiest battle of the Liberal Revolution of São Paulo – the one of the so called “trenches” in Silveiras.

RESUMO

Descreve com pormenores as lutas ocorridas nas cidades de Lorena, Silveiras, Areias e outras do vale do Paraíba e, em especial, o mais sangrento combate da Revolução Liberal de São Paulo e da região conhecida como “trincheiras”, em Silveiras.

Com a abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831, o Brasil entrou em fase anárquica e turbulenta marcada por motins, revoltas e revoluções que só tiveram fim 14 anos mais tarde, com a pacificação da Revolução Farroupilha pelo Barão de Caxias, em Ponche Verde, em 1º de março, o que representou também a pacificação da família brasileira e a manutenção da unidade nacional. Pois nem a maioria de D. Pedro II conseguira reunificar os brasileiros agitados em função do Ato Adicional de 21 de agosto de 1834 que dera maior autonomia às províncias. Assim, entre 1831 e 1842 haviam ocorrido as seguintes revoluções ou revoltas: A Cabanagem no Pará, Pernambuco e Alagoas; a Farroupilha no Rio Grande do Sul e Santa Catarina; a Sabinada na Bahia; a Balaiada no Maranhão e as de São Paulo e Minas Gerais: as três últimas mais a Farroupilha foram pacificadas pelo Barão de Caxias, o que lhe valeu o singular e honroso título com que foi consagrado pela História – o de Pacificador, o que honra sobretudo o atual Estado do Rio de Janeiro onde ele nasceu e morreu. Morreu às margens do rio Paraíba que contemplou nos dois últimos anos de vida, da fazenda Santa Mônica, em Valença. As revoluções de 1842 em Minas Gerais e São Paulo e a extensão desta no Vale do Paraíba e, fora da jurisdição do Barão de Caxias, como se verá, tiveram por motivação disputas entre liberais e conservadores, quando os últimos conquistaram o poder e os liberais mobilizaram-se para derrubá-los sob o argumento de verem no Gabinete Conservador indícios de autoritarismo, nas leis que criaram o Conselho de Estado, reformaram o Código Penal, que criaram as chefias de Polícia nas províncias e no ato de dissolução da Assembléia Geral. É nesse contexto que eclode a Revolução de 1842 em São Paulo e que veio a envolver o Vale do Paraíba ao norte do Taubaté.

A Revolução de 1842 no Vale do Paraíba

Transcorre entre 17 de maio e 20 de agosto o sesquicentenário das revoluções de Sorocaba-SP e Barbacena-MG que foram pacificadas pelo Barão de Caxias. Mas, trabalhos sobre as mesmas,

geralmente, omitem manifestações radicais daqueles movimentos e dos que as combateram no Vale do Paraíba, na denominada Revolta de Silveiras que envolveu o caminho Rio-São Paulo no trecho Lorena-Silveiras-Areias-São José do Barreiro-Bananal-Piraí, onde reinava, no auge, o rei Café, e as paixões políticas atingiram altíssima temperatura, fazendo com que a violência aí da revolução e da contra-revolução fosse maior e atingisse caráter sanguinário e de vingança.

Segundo Aluísio de Almeida, os liberais da região levantaram-se em revoltas locais, sem comando único, organização, visando pessoas e terminou sendo a região de São Paulo que mais sofreu com a guerra civil que estourou na Província.

Em Lorena, em 31 de maio, foi formado um Diretório Revolucionário, decorridos 9 dias de Caxias haver chegado a São Paulo, organizado a defesa da cidade e feito a defesa da mesma, em Moji das Cruzes e Jacareí, face ao Vale do Paraíba.

O Diretório derrubou as autoridades de Lorena e a dominou. Era seu chefe o Pe. Manuel Teotônio de Castro. O Ten. Anacleto Ferreira Pinto, membro do Diretório e fazendeiro em Silveiras, para lá partiu com 400 homens que reuniu, para depor a maior autoridade local, o Cap. Manoel José da Silveira, da família que deu nome ao local e que, escudado em 60 partidários, entricheirou-se em seu sobrado, atual casa paroquial, onde apresentou, com muita valentia, memorável resistência ao cerco a que foi submetido pelo Ten. Anacleto, em 2 de junho, e que durou até o meio-dia de 3, quando se rendeu com promessa de garantia de vida. Segundo Aluísio de Almeida, "ao sair desarmado, mal ele apontou na porta, se ouviram alguns tiros e o Cap. Manoel José caiu morto com a cabeça escangalhada. O seu cadáver foi jogado no meio da rua e depois o arrastaram até a sua fazenda, com a barriga rasgada e partidos todos os seus ossos num estado lastimável". E assim o Ten. Anacleto ficou senhor de Silveiras.

Em 25 de maio, em Taubaté, foram arrancados da cadeia e linchados dois conservadores. Então, o Vale do Paraíba de Taubaté para o norte era tributário comercial do Rio. Como medida cautelar o Império anexou, de 18 de junho a 29 de agosto ou por dois meses e 13 dias, ao Rio de Janeiro, as localidades paulistas de Guará, Lorena, Cunha, Queluz, Silveiras, Areias e Bananal. As duas últimas quiseram permanecer nessa situação após a paz. A articulação do movimento era feito pelo Clube dos Patriarcas Invisíveis liderado, segundo alguns, pelo Comendador Joaquim de Sousa Breves,

aspirante à Presidência da Província do Rio de Janeiro, riquíssimo fazendeiro proprietário de 6.000 escravos e de 20 fazendas, entre estas a Esperança e atual do Banco, em Resende, e patrimônio da Academia Militar (AMAN). Em Piraí, segundo ainda Aluísio de Almeida, ele possuía “uma fazenda-fortaleza com muralha de 40 palmos de altura e uma só entrada por escada de pedra e forte porta”. Dali ele ameaçava e incutia medo nos conservadores. Pressionado, buscou proteção em Bananal onde o líder liberal e apoio financeiro do movimento de Silveiras era Antônio José Nogueira. Caxias, ao contrário do que se vem afirmando, não teve ingerência nas operações contra os revolucionários no Vale do Paraíba. As operações, mais de caráter policial do que militar, foram conduzidas pela Província do Rio de Janeiro à qual a região em foco foi anexada temporariamente, conforme mencionado. Em Areias, em 21, 22 e 24 de junho, os revoltosos atacaram 200 homens enviados do Rio pelo litoral, dos quais 120 do Corpo de Permanentes da Corte (atual Polícia Militar do Rio de Janeiro) e 50 do Batalhão de Fuzileiros Provisório nº 1 Batalhão Defesa do Trono, ao comando do Cel. Pedro Paulo Moraes Rego que salvou os Permanentes de um lance infeliz de seu Comandante Castrioto. Após terem entrado sem reação em Guará, os soldados legais marcharam sobre Silveiras.

Em 12 de julho, das 11 às 15 horas, distante meia légua de Silveiras, no local hoje conhecido como Trincheiras e balizado por um cruzeiro, foi travado o maior e o mais sangrento e disputado combate da Revolução de 1842, em São Paulo. Isto decorridos 22 dias da pacificação da Revolução de Barbacena, em Minas, que já dava sinais de declínio e um dia antes de Caxias saber em Guaratinguetá que fora nomeado para pacificar Minas, após viagem Taubaté-Lorena.

Em 12 de julho, ao amanhecer, o Cap. Manuel Antônio da Silva, à frente de 120 Permanentes do Rio, defrontou-se com 500 homens, em sua maioria escravos, sob o comando do Ten. Anacleto e bem entrincheirados a meia légua de Silveiras. E houve um combate feroz e encarniçado que durou 4 longas horas e que jugou o campo com os corpos de cerca de 50 mortos, dos quais 42 revolucionários. O combate só foi abreviado pela conquista, após um desbordamento, de um morro que flanqueava as trincheiras e que assim caíram pela manobra dos Permanentes.

A violência gera a violência! A violência inaudita contra o mártir e herói silveirense Cap. Manuel José da Silveira, chacinado inermemente

em defesa de sua autoridade legítima, provocou grande violência de parte dos Permanentes do Rio que foram autorizados a realizar o que passou à História como o Saque de Silveiras. O Batalhão Defesa do Trono chegou após findo o combate e permaneceu em Bananal até ser dissolvido em 16 de novembro. Ele teve a missão de vingar os mortos a serviço do Império. A casa do Anacleto, considerado o maior responsável pelos tristes acontecimentos em Silveiras, foi invadida e saqueada. Reclamações feitas não foram atendidas, uma vez que aos revoltosos foram imputadas as culpas pelos acontecimentos. E um cronista assim interpretou os fatos repressivos: "Os céus responderam ao bárbaro assassinio do delegado de Silveiras – o mártir e herói Cap. Manuel José Silveira" cujo sobrado, testemunha de sua bravura e martírio, hoje abriga a Casa Paroquial de Silveiras.

"Povo que não conhece a sua história corre o risco de repeti-la", afirmou Santaina. E este episódio é rico em lições para o Vale do Paraíba.

Na Revolução de 32 os revolucionários em Silveiras apresentaram vigorosa resistência em combates que duraram de 3 a 12 de setembro, chegando ao ponto de infligirem um revés ao 19º Batalhão de Caçadores. E foi, segundo registros, mais uma vez alvo de saques e depredações e ponto focal da resistência revolucionária. Aluísio de Almeida, autor mais preciso da Revolução de 1842 em São Paulo, realidade, Cônego Luís Castanho de Almeida, grande historiador sorocabano e grande autoridade em Tropeirismo que, em Silveiras, é reverenciado em Monumento e com a Festa do Tropeiro em agosto, escreve à certa altura, lamentando a violência de ambos os contendores na Revolução em foco no Vale do Paraíba: "Nota-se que por onde andou o Barão de Caxias não houve saques!".

E como dissemos, Caxias não teve atuação nos fatos aqui descritos que foram reprimidos por forças enviadas pela Corte e ao comando da Província do Rio de Janeiro. São fatos que merecem um maior aprofundamento e que estão bastante cobertos pela pátina do tempo.

Em Resende, o líder local Fabiano Pereira Barreto impediu que a revolta atingisse Barra Mansa e Resende e as atuais Volta Redonda, Quatis e Itatiaia e realizou com a Guarda Nacional a cobertura da fronteira Rio de Janeiro-São Paulo. Tão logo soube da revolta em Lorena, segundo o Presidente da Província do Rio de Janeiro ao Ministro da Justiça, o Cel. Fabiano reuniu a Guarda

Nacional e a colocou em estado de choque (ordem e marcha). E sua energia contribuiu para que a vila de Resende se comportasse tão brilhantemente e foi um dos que mais se distinguiram pela cooperação no restabelecimento da ordem legal em Minas Gerais, ao marchar para Queluz (Conselheiro Lafaiete atual), segundo documento que Itamar Bopp publica em *A Família Pereira Barreto*. Fabiano era filho do Cap. Miguel Pedroso Barreto, gaúcho filho de Triunfo e que foi, em 1801, o primeiro tabelião de Resende, além de fazendeiro e pai do Dr. Luís Pereira Barreto, o introdutor do café Bourbon em São Paulo.